

**OS RECURSOS ÁUDIO VISUAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES: UM OLHAR DA ECONOMIA POLÍTICA DO PODER
SOB O FILME “O DIABO VESTE PRADA”**

LARA KESSIA MARTINS AVILA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

GABRIEL ADORNO BUENO FERREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

NATÁLIA RESE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

OS RECURSOS ÁUDIO VISUAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES: UM OLHAR DA ECONOMIA POLÍTICA DO PODER SOB O FILME “O DIABO VESTE PRADA”

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a dinâmica social tem mudado devido aos avanços da tecnologia. A sociedade passou a ser constituída de imagens, que intermediam as relações sociais e a construção social. (MACÊDO et al., 2007) A tecnologia permitiu o surgimento e facilidade na produção e acesso a recursos audiovisuais, presentes no dia-a-dia das pessoas. As pessoas são expostas aos recursos audiovisuais dentro e fora de casa, em ônibus, estações de metrô, e carregam em suas bolsos e bolsas celulares que lhe dão acesso a uma infinidade de material audiovisual e à possibilidade de produzir material audiovisual e espalhar por todo o globo por meio da internet.

Sendo tão presente no dia-a-dia, os recursos audiovisuais também podem contribuir para o ensino. (HENRIQUE et al., 2017). Os cursos de administração têm crescido pelo país, de acordo com o censo de há 2.107 cursos de administração no Brasil, 296 são de instituições públicas e 1.811 de instituições particulares (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2016), estes cursos recebem alunos que cresceram expostos a recursos audiovisuais e precisam adaptar sua metodologia a este público.

Para Tsoukas (2017) é necessário superar os limites da epistemologia positivista, assumir a complexidade do fenômeno organizacional. Os recursos audiovisuais podem ser uma maneira de ultrapassar estes limites e mudar a dinâmica da aula, despertando emoções nos alunos e proporcionando estímulos auditivos e visuais. (BLIKSTEIN, 1977; FREITAS; LEITE, 2015; BIZARRIA et al., 2017b)

O objetivo deste trabalho é discutir o uso de recursos áudio visuais para o processo de ensino e aprendizagem em teoria das organizações. Respondendo ao problema de pesquisa: como os recursos áudio visuais podem ser usados no processo de ensino-aprendizagem em teoria das organizações? Para atingir este objetivo, o trabalho é constituído de 5 tópicos principais: introdução, fundamentação teórica, discussão, conclusão e referências.

Esta introdução contém uma breve explanação acerca do que será tratado no decorrer do trabalho. A fundamentação teórica foi pensada a fim de fornecer subsídio teórico para as discussões que ocorrerão na sessão seguinte, contém um panorama do ensino em teoria das organizações, e do processo de ensino-aprendizagem usando filmes e das formas de como trabalhar os elementos do filme no ensino em teoria das organizações. A discussão contém a apreciação do filme “O diabo veste prada” (FRANKEL, 2006) sob o viés da Economia Política do Poder, demonstrando como um filme pode ser usado no ensino em teoria das organizações. A conclusão contém as ponderações finais acerca dos assuntos discutidos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta sessão tem o objetivo de contribuir para as discussões e conhecimento acerca do uso de recursos audiovisuais no ensino em teoria das organizações fornecendo subsídios teóricos para as discussões e para a prática do uso dos recursos audiovisuais em práticas de ensino em teoria das organizações.

Para desenvolver o tema, a fundamentação teórica tem início com um panorama do processo de ensino e aprendizagem em teoria das organizações, seguido de uma exposição acerca de como os recursos audiovisuais podem participar e contribuir para o ensino em teoria das organizações. O próximo subtópico da fundamentação teórica compreende maneiras de

trabalhar os elementos do filme no ensino. Finalizando este tópico, há um exemplo do uso de um filme para o ensino de uma perspectiva teórica: a Economia política do poder.

“Nada mais prático do que uma boa teoria”: o desafio do ensino da Teoria das Organizações no contexto utilitarista do *management*

O ensino de Teoria das Organizações é permeado por desafios que se referem (1) à possibilidade de dar conta do fenômeno organizacional complexo dentro de sala de aula, (2) à capacidade de despertar o interesse por “teorias” em um campo permeado pelo interesse pela aplicação utilitarista das ferramentas que “habilitam” o futuro gestor a “colocar em prática” tudo aquilo que aprendeu, (3) à construção de um ambiente de sala de aula em que os sentidos e significados das teorias em discussão sejam plenamente apreendidos pelos estudantes. Diz-se comumente que é preciso desenvolver capacidade de abstração para poder compreender o contexto teórico, de fato é importante. Mas tal capacidade de abstração também é aprendida, construída em sala de aula; abstrair é um exercício de autonomia, mas não se cria espontaneamente, precisa ser estimulado, construído. Defende-se nesse trabalho que a construção compreensiva das teorias e a habilidade de abstração podem ser potencializadas pelo uso de recursos audiovisuais como elementos pedagógicos no ensino da Teoria das Organizações.

Diante dos desafios apontados, Gareth Morgan escreveu o livro *Imagens da Organização* trabalhando as teorias organizacionais a partir de metáforas (MORGAN, 2010). Na obra, adotada como referência em muitos cursos de Teoria das Organizações nos cursos de Administração, Morgan (2010, p. 16) defende que “Usar uma metáfora implica *um modo de pensar e uma forma de ver* que permeia a maneira pela qual entendemos nosso mundo em geral” e acrescenta que “Usando diferentes metáforas para entender o caráter complexo e paradoxal da vida organizacional, somos capazes de administrar e planejar organizações de formas não pensadas como possíveis anteriormente” (MORGAN, 2010, p. 17). Percebe-se, dessa forma, que o ensino de Teoria das Organizações em Administração pretende, antes de instrumentalizar os estudantes com teorias as quais sejam capazes de aplicar, permitir que *pensem*, desenvolvam a capacidade de refletir e, portanto, em última análise criar, trazer o novo, o pensamento disruptivo para as organizações. Portanto, conforme evidencia o empreendimento de Morgan (2010), não há uma única forma de ver as organizações, de tão complexo que é o fenômeno ele chama por diferentes perspectivas que permitam abordá-los em suas diferentes facetas, níveis de análise e componentes analíticos. Curioso que o empreendimento de Morgan (2010) com o livro *Imagens da Organização* não vem sozinho: para capacitar os professores a trabalhar a Teoria das Organizações a partir das imagens-metáforas, ele desenvolve outro livro, um *resourcebook* chamado *Creative Organization Theory* (MORGAN, 1989), no qual traz histórias, imagens, leituras e diversos outros recursos para servirem de apoio ao uso do livro *Imagens da Organização*. Tal *resourcebook* é o reconhecimento de que o raciocínio abstrato precisa ser construído a partir do exercício do pensamento da vida, da apresentação de situações que façam com que o estudante possa enxergar-se *dentro* do mundo e das ideias organizacionais. O fato curioso mencionado é que no contexto brasileiro tal *resourcebook* não possui tradução e, muito possivelmente, aqueles que trabalham o livro *Imagens da Organização* desconhecem o projeto de Gareth Morgan a respeito de *como* trabalhar as imagens-metáforas e por isso os estudantes tenham tanta dificuldade de ultrapassar a barreira do abstrato em relação à discussão das teorias das organizações, uma vez que se veem diante de uma leitura fria, solitária, muitas vezes repetida de forma mecânica em slides que reproduzem cada uma das linhas do livro original, sem que o próprio professor seja capaz de *colocar vida* no que ensina.

Tsoukas (2017) argumenta que o desenvolvimento de teoria nos estudos organizacionais e de administração precisa superar o propósito de simplificação postulado pela epistemologia positivista e assumir a complexidade do fenômeno organizacional. Assim o autor defende que a “complexidade teórica é necessária para que se possa dar conta da complexidade organizacional” (TSOUKAS, 2017, p. 132). Para que isso seja possível, o autor defende a adoção de uma epistemologia performativa e de uma ontologia de mundo aberto:

Uma ontologia de mundo aberto pressupõe que o mundo é sempre um processo de vir a ser, de tornar-se algo diferente. Fluidez, fluxo e mudança são processos fundamentais do mundo, e qualquer experiência de estabilidade dos agentes surge do fluxo que eles se encontram rotineiramente. O futuro é aberto, desconhecido em princípio, e ele sempre encerra a possibilidade de surpresas não triviais. Uma epistemologia performativa pressupõe que o processo de conhecer é ação. Agentes movem o mundo para frente fazendo distinções e dando forma a uma realização coletiva, contexto desarticulado de entendimentos. O conhecimento é o resultado de conhecedores incorporados que estão imersos em uma prática discursiva, com seus recursos cognitivos, afetivos e normativos que eles traçam rotineiramente. Uma praxeologia poética vê o praticante como um agente não trivial que, ainda que inevitavelmente moldados por práticas discursivas em que ele/ela estão dentro, ele/ela necessariamente moldam-se de volta tomando por base sua experiência por meio do empreendimento de uma ação propositada que é relativamente opaca em suas consequências, variavelmente clara em seus motivos e desejos, e contextualmente situada. Esse agente é inerentemente capaz de reflexividade e, assim, suscetível a uma mudança crônica. Uma praxeologia poética reconhece os motivos complicados da ação e o contexto moral da ação, criando espaço para a transmutação do passado em novas formas no presente, compreende a natureza relativamente opaca da intencionalidade e permite a chance e loops de feedback de funcionamento recursivo, ao mesmo tempo em que aceita a inevitável contextualidade e temporalidade da ação humana. (TSOUKAS, 2017, p. 148. Tradução nossa).

Admitir tal complexidade do fenômeno organizacional exige não só do pesquisador uma postura diferenciada diante do fenômeno. Também o professor e suas práticas de ensino sofrem um radical impacto se reconhecemos a complexidade discutida por Tsoukas (2017): a permanente mudança de uma ontologia de mundo aberto refuta qualquer processo de ensino estático, hierárquico e que forma reprodutores de modelos e executores de ferramentas; uma epistemologia performativa repudia qualquer tipo de ensino que não situe o sujeito aprendente dentro do contexto da vida; uma praxeologia poética desconstrói a visão de estudante vazio, receptáculo de um conhecimento a ser transmitido pelo professor, ao contrário, ele é sujeito ativo, pensante, reflexivo, co-autor do seu processo de aprendizagem.

Diante de todo esse contexto, admite-se ainda que esse agente reflexivo de Tsoukas (2017) se constitui em processos de interação discursiva, que dá sentido às suas ações por meio de narrativas, as quais são responsáveis por garantir sua segurança ontológica e o seu existir no mundo; Fisher (1984) apresenta a concepção de homem como *homo narrans*. Nesse sentido, para Fisher (1984), compreender “o sentido e o significado da vida em todas as suas dimensões requer a compreensão da estrutura narrativa que a acompanha” (Fisher, 1984, p. 3). Se é assim, um processo de aprendizagem significativo dessa complexidade passa pela construção de narrativas, capazes de articular o fenômeno organizacional no mundo da vida dos estudantes.

Phillips (1995), nessa perspectiva, defende o uso de narrativas ficcionais no ensino de organizações. Para o autor, a “Ficção, se usada apropriadamente, pode fazer a mediação entre o abstrato, teorias descontextualizadas do mundo na análise organizacionais e o mundo subjetivo no qual os estudantes vivem” (PHILLIPS, 1995, p. 635. Tradução nossa.). Por narrativas ficcionais Phillips (1995) entende romances, histórias curtas, jogos, músicas, poemas e filmes, as quais são tomadas como práticas representacionais, que contribuem para a

aproximação de uma representação do mundo social; adverte, porém, que essa aproximação não encerra a completude da complexidade do fenômeno organizacional. Importante destacar que Phillips (1995, p. 628) ressalta que a característica da intertextualidade trazida pelo uso das narrativas ficcionais, conjuntamente com os textos teóricos referentes às teorias organizacionais possibilita uma conversação produtiva que permite a teoria das organizações “mover-se em novas direções e revelar novos aspectos do organizar”, exatamente porque se admite a reflexividade dos estudantes e sua capacidade de co-criar no seu processo de aprendizagem. Ainda em relação a esse aspecto, Ramsey (2008) ao discutir o uso de poemas no ensino de organizações, traz a ideia de polifonia bakhtiniana, afirmando a sala de aula como um lugar de organizar e que, portanto, precisa trazer para esse ambiente a negociação e a construção social para que possa desenvolver um aprender ativo e competente.

Posto isso, Phillips (1995, p. 628. Tradução nossa.) defende a importância da narrativa ficcional que “reside no fato de que ela conta uma história, e ao contar uma história cria-se espaço para a representação do mundo da vida no qual os indivíduos encontram-se”. A essa altura, uma questão que surge como importante é por que a opção pela narrativa ficcional em detrimento dos tão difundidos estudos de caso no campo da administração:

O uso da narrativa ficcional difere dramaticamente, então, dos estudos de caso. Enquanto os casos são usados para trabalhar problemas organizacionais complexos, a narrativa ficcional é usada para introduzir a organização como uma forma de vida, provendo descrições detalhadas de uma realidade organizacional ficcional” (PHILLIPS, 1995, p. 635. Tradução nossa.)

Face ao exposto, percebe-se que as narrativas ficcionais são complementares aos casos, os quais servem muito bem para oportunizar aos estudantes a análise de problemas complexos. No entanto, ao se trabalhar o ensino de teorias organizacionais, exige-se que os estudantes estejam “familiarizados com a diversidade da experiência organizacional” (PHILLIPS, 1995, p. 635. Tradução nossa.), “ensinando sobre organizações como um fenômeno subjetivamente experienciado” (PHILLIPS, 1995, p. 636. Tradução nossa.), evidenciando a importância de preparar os estudantes por meio de uma *emulação* da vida nas organizações.

Percebe-se, portanto, que o entendimento que se apresenta aqui sobre o ensino de Teoria das Organizações, assenta-se na ideia de que a apreensão da abstração teórica precisa envolver a teoria na vida, torna-la parte da experiência subjetiva dos estudantes. Assim, ao entendermos que essa experiência subjetiva e a apreensão do mundo da vida se dá, sob a concepção do *homo narrans*, por meio de narrativas que dão sentido ao mundo da vida, defende-se o uso das narrativas ficcionais como recurso pedagógico para o ensino de Teoria das Organizações.

Processo de ensino-aprendizagem usando filmes

Para Blikstein (1977) o ensino é baseado numa lógica linear discursiva decorrente da exposição linguística feita pelo professor em sala de aula. Os cursos são planejados baseados nesta lógica, para que o aluno possa compreender o conteúdo geral transmitido, ele precisa acompanhar o início, meio e fim. O advento da tecnologia trouxe a possibilidade de novos métodos como ferramentas de ensino: os recursos audiovisuais.

O audiovisual é uma produção cultural, no sentido em que é uma codificação da realidade, na qual são utilizados símbolos da cultura, e que são partilhados por um coletivo produtor do audiovisual e por outras pessoas para as quais o audiovisual é destinado. (ARROIO; GIORDAN, 2006, p. 1)

Indo além, os recursos audiovisuais tornaram-se essenciais ao convívio social, possibilita diferentes formas de compreender a realidade e de relacionar-se com outras pessoas,

podendo ser usados em registros de pesquisas (MACÊDO et al., 2007) ou como recurso para auxiliar na aprendizagem. (BLIKSTEIN, 1977; FREITAS; LEITE, 2015; BIZARRIA et al., 2017b)

O uso destes recursos nem sempre é visto como uma oportunidade de aprendizado, alguns alunos e professores encaram como uma atividade recreativa sem propósito definido. No entanto, os elementos audiovisuais trazem à sala de aula um novo elemento: a iconicidade, a representação por semelhança do mundo objetivo. O recurso audiovisual além de icônico, é global e imediato, ultrapassa as barreiras linguísticas. Por esta contribuição, o uso de audiovisuais auxilia complementando o método linear discursivo, vai além da simples ilustração de situações, sua riqueza consiste em extrair a vivência da experiência. (BLIKSTEIN, 1977)

Dentre os recursos audiovisuais o filme traz algo diferente: o movimento, as informações da dinâmica do ambiente e a comunicação corporal. Por isto, é um elemento rico a ser usado com fins educativos. Não se pode determinar quando os filmes passaram a ser usados em salas de aula, o primeiro filme com foco educativo foi produzido em 1897 para a Marinha alemã. Com o tempo foram surgindo mais filmes de cunho educativo e produtoras e o acesso a estes filmes tornou-se mais fácil. (CINELLI, 2003)

Filmes e vídeos são meios de expressão de informações e conhecimentos históricos, podem diminuir a distância entre pessoas e os fenômenos estudados. (HENRIQUE et al., 2017) São representações que espelham a realidade nas organizações, propiciam materiais para a reflexão acerca da produção da realidade, decodificam representações, construções e desconstruções. (MEDEIROS; JÚNIOR; POSSAS, 2015)

O filme consegue ir além das argumentações da fala do professor e da escrita acadêmica presente em artigos e livros, envolve estímulos sensoriais, provoca sentimentos, tem apelo emocional. É uma experiência rica que promove o aprendizado, transmite conhecimento, muda a dinâmica da aula, pode ser um motivador que desperta a vontade dos alunos de conhecer mais acerca de um tema. (RICARDO, 2000; ARROIO; GIORDAN, 2006)

No curso de Administração a linguagem fílmica contribui para entender as organizações, pois as cenas podem ser comparadas com o contexto organizacional, sendo metáforas. A linguagem fílmica é vista como uma metáfora de comunicação que proporciona uma oportunidade de analisar os discursos nas organizações. Para sua devida utilização, é necessário que a escolha do filme seja guiada por seu alinhamento com o construto que se pretende investigar. (FREITAS; LEITE, 2015)

(...) não se permita a escolha do filme pelo filme, mas pela oportunidade de investigar um fenômeno organizacional a partir de diferentes lentes. Do mesmo modo que a conveniência da utilização da linguagem fílmica pode ser ratificada quando ocorre um alinhamento entre o(s) filme(s) escolhido(s), o(s) construto(s) que se pretende investigar e a fundamentação que pode permeá-los. (FREITAS; LEITE, 2015, p. 102)

Comparando um filme e uma observação tradicional de um fenômeno, o filme permite acesso irrestrito ao que está sendo retratado, permite diversos sentidos e diferentes possibilidades de leitura do que acontece no dia-a-dia, ilustra estilos de vida, cenários e épocas que tornam-se acessíveis aos espectadores. (BIZARRIA et al., 2017b)

Os filmes já são usados com o fim de ilustrar situações que ocorrem nas organizações, e suas análises estão presentes em trabalhos publicados em periódicos nas áreas de estudos organizacionais. No trabalho “Análise da atividade de consultoria com suporte na observação fílmica - o caso do filme Missão Demissão” (BIZARRIA et al., 2014) os autores analisam as pressões vivenciadas pelos trabalhadores e suas dificuldades em conciliar trabalho e lazer.

No artigo “Quem mais veste Prada - Psicopatas Corporativos e Assédio Moral no Trabalho” (MEDEIROS; JÚNIOR; POSSAS, 2015) o filme é tido como um espelho da

realidade e usado para discutir as implicações da presença de psicopatas corporativos nas organizações. Em “Detalhes de sua Incompetência não me Interessam - O Assédio Moral no Filme O Diabo Veste Prada” (MACIEL; HELAL, 2017), é analisado o assédio moral sofrido dentro de uma revista. Neste trabalho o filme O Diabo Veste Prada (FRANKEL, 2006) aparece novamente como objeto de análise, reforçando a perspectiva de que corresponde à realidade encontrada em alguma organizações.

Em “*Films as object of studies for research in applied social sciences*” (HENRIQUE et al., 2017) os autores propõem um modelo para a análise fílmica e ressaltam que o uso de filmes como fonte de dados ocorre em diversas áreas, incluindo a de Ciências Sociais Aplicadas. O uso dos filmes é protagonista do artigo “Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações” (FREITAS; LEITE, 2015) que investigou a linguagem fílmica como metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações.

Em “O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme ‘Os Sem Floresta’” (BIZARRIA et al., 2017b) os autores analisam o filme “Os sem floresta” que foi meio para a análise do conceito de sustentabilidade pela perspectiva do desenvolvimento econômico com suporte do capitalismo.

Em “O Uso do Filme de Animação no Ensino de Administração Monstros S.A. como Estudo de Caso Exemplar” (BARROS; MIRANDA; RODRIGUEZ, 2017) os autores ressaltam que o filme pode ser usado como ferramenta de ensino por meio do uso de metáforas que ilustram os conceitos a serem aprendidos. Em “Racionalidade, Terceiro Setor e o Debate da Corrupção em Quanto Vale Ou É Por Quilo” (BIZARRIA et al., 2017a) o filme é meio para a análise da gestão no terceiro setor sob a ótica capitalista.

Estes são alguns exemplos do uso de filmes em áreas pertinentes à Administração, a sessão seguinte Economia política do poder concentra-se em como trabalhar o filmes e seus elementos no ensino em teoria das organizações.

Como trabalhar os elementos do filme (no ensino em teoria das organizações)

Huczynski e Buchanan (2004) apresentam uma abordagem em que o filme é visto e analisado como uma narrativa. Nesse sentido, os autores afirmam que um filme sempre apresenta algum ponto de vista e nunca é neutro, podendo ser usado, inclusive para navegar por temas controversos.

Já Champoux (1999) vai mais além e propõe que os filmes podem ser utilizados de diversas maneiras e possuir diversas funções no processo de ensino. O autor descreve então, oito formas de se apropriar desse meio audiovisual: (I) O filme como um caso, podendo desenvolver as habilidades analíticas dos alunos ou criar discussões sobre a teoria envolvida no filme; (II) O filme como um exercício experimental traz a possibilidade de avaliar uma situação em que haja a necessidade para solução de um problema através da tomada de decisão em grupo ou individual; (III) O filme como uma metáfora pode ajudar a simplificar algo complexo ou a explicar algo abstrato, por exemplo; (IV) O filme como uma sátira distorce a realidade de tal maneira a destacar certas características de pessoas e/ou de uma sociedade; (V) O filme como simbolismo pode trazer alguma forma simbólica de mostrar conceitos e teorias; (VI) O filme como significado serve para dar sentido a teorias e conceitos de uma forma mais fácil do que com palavras; (VII) O filme como experiência pode servir para introduzir os alunos a temas completamente novos, como a cultura de um país, por exemplo; (VIII) O filme como tempo, retratando uma realidade de uma época diferente da qual se está assistindo.

Para que o filme possa ser adequadamente utilizado, é preciso que haja um planejamento antes, que, para Barbosa e Teixeira (2007), acontece em seis etapas. A primeira delas é a de

programação, em que o professor deve definir qual é seu objetivo com esse método pedagógico. Na segunda fase, vem as questões norteadoras da análise, abordando o que se busca ao levar o filme para a sala de aula e quais questões serão abordadas. Em seguida, as autoras propõem que deve haver uma contextualização do filme para os alunos, de forma a preparar os alunos para o que filme que será exibido. Durante a exibição do filme, a atenção dos alunos deve ser voltada para o objetivo estabelecido no início, enquanto fazem anotações para ajuda-los depois. Depois dessa sessão, deve ser feita uma reflexão, para verificar o que foi compreendido pelos alunos. Por fim, deve ser feita uma compilação das ideias debatidas, voltando-se para as questões propostas no início.

O diabo veste Prada sob a ótica da Economia política do poder

O filme é baseado no livro homônimo de Lauren Weisberger (2012) e conta a história de Andrea (Andy) Sacks, uma mulher recém-formada, com o sonho de tornar-se jornalista, mas que acaba sendo selecionada para trabalhar como assistente administrativa da editora-chefe da revista de moda Runway, Miranda. O trabalho na revista de moda não lhe era significativo, no início, pois trabalhar com o jornalismo de moda definitivamente não estava em seus planos, muito menos o trabalho na área de moda como secretária da editora-chefe. Apesar da falta de interesse no ramo da moda, Andrea mantém o trabalho na esperança de que, se conseguir manter-se nele por um ano, conseguirá contatos e recomendações para o emprego que deseja.

Usar filmes no ensino em teoria das organizações propicia o acesso à situações que nem sempre são acessíveis ao aluno em situações reais, como no caso do filme “O diabo veste Prada” (FRANKEL, 2006): seria difícil acompanhar todo o processo de sequestro da subjetividade de uma pessoa se não fosse pela contribuição da sétima arte. Inicialmente a protagonista não se identifica com o ambiente de trabalho, tem dificuldades em lidar com colegas e tarefas, reclamando constantemente da atitude das pessoas. Além disso, a personagem sempre se coloca como diferente de todos por não aceitar a forma como o mundo da moda funciona. Em uma cena, ela chega a ironizar quando dois cintos muito parecidos para ela são tidos como muito diferentes para uma das estilistas que trabalham para a revista.

No entanto seu envolvimento com o trabalho aumenta, e ela muda muito: desde seu jeito de se vestir, a sua opinião sobre a moda e sobre sua chefe, e principalmente em suas atitudes diante dos outros. Com isso, os amigos e o namorado dizem não a reconhecer mais, afastando-se de Andy. No final do filme, Andrea percebe que realmente havia mudado por causa do trabalho, e que não gostava de quem havia se tornado. (WEISBERGER, 2012)

O livro é considerado um *best-seller* mundial e o filme teve bilheteria expressiva, arrecadando mais de cento e vinte milhões de dólares nos EUA e mais de um milhão e trezentos mil reais no Brasil. (ADOROCINEMA, 2006). A alta bilheteria sinaliza que a história do filme teve aceitação do público e um indicativo de que o filme retrata um fenômeno com o qual as pessoas se identificam. O filme “O Diabo Veste Prada” (2006) é relevante como objeto de análise através da Economia Política do Poder porque ilustra o processo de sequestro da subjetividade da personagem principal, na medida em que ela vai sendo gradualmente envolvida, identificando-se e finalmente sequestrada, conforme o enredo do filme evolui. Diversos mecanismos de controle vão sendo representados ao longo desse enredo, evidenciando o processo de identificação e sequestro.

DISCUSSÃO

A maioria das teorias em administração observa as racionalidades, estratégias, instituições, comportamentos e políticas; e sua visão observa o que é útil às organizações, pouco

adentrando nas searas críticas e nas imperfeições do sistema capitalista. No ensino de Teoria das Organizações nos cursos de graduação em Administração essa discussão torna-se ainda mais escassa e espinhosa de se tratar. Segundo Faria (2002), a Teoria de Economia Política do Poder vai além e observa, de forma crítica, as relações de poder, formas de controle social e as finalidades das organizações. Essa análise ocorre a nível mítico, social-histórico, institucional, organizacional, grupal, individual e pulsional. A Teoria de Economia Política do Poder tem como objetivo “investigar as formas como as organizações definem e implementam seus mecanismos de controle social a partir da interação de instâncias ocultas e manifestas que se operam em seu interior”. (FARIA, 2002, p. 02)

Segundo Faria (2004), as organizações podem manipular seus integrantes controlando tanto elementos objetivos como suas subjetividades, isto é, controlar os processos inconscientes que tendem a moldar a formação da identidade desses sujeitos. Esses controles por parte da organização acarretam no fato de que muitos indivíduos passam a viver em função do trabalho, de forma que não consigam mais distinguir entre trabalho e lazer (LAFARGUE, 1999).

É com o viés da Teoria de Economia Política do Poder que o fenômeno de sequestro da subjetividade da protagonista Andrea Sacks foi analisado. Para entender o conceito de “sequestro de subjetividade”, é necessário compreender os conceitos de subjetividade, controle da subjetividade, consciência, subjetividade fragmentada, e poder condicionado.

Faria e Meneghetti (2007) definem subjetividade como forma de construir sua concepção ou percepção do real. Esta percepção integra as atividades psíquicas, emocionais e afetivas do sujeito ou do coletivo. A consciência é a compreensão da totalidade, composta por uma lógica racional e uma cobertura emocional, através da qual o sujeito pode se conhecer de modo privilegiado. Através da consciência a subjetividade é controlada, nas organizações, em relação à conduta no local de trabalho e à rede social à qual o sujeito está submetido. Neste controle, que não se limita à relação de produção, há um aspecto de poder, a criação de uma relação simbiótica que envolve forças de dominação e submissão de formas sutis. Para corresponder à expectativa de uma aceitação social e aliviar a tensão estabelecida com a sociedade o indivíduo passa a estabelecer padrões de conduta para ser aceito em seu meio (FARIA; MENEGHETTI, 2007). Isto fica muito claro na mudança interna e externa de Andy, que se adapta ao padrão exigido pelos colegas e pela chefe a fim de adequar-se e diminuir as pressões que sofria no trabalho: muda seu jeito de vestir, de andar, de comunicar e até de se relacionar. Ela abre mão de parte de sua autonomia, principalmente a de escolha de vestimentas, em prol de atender a uma demanda do grupo social em que está inserida, criando uma subjetividade fragmentada.

A fragmentação por esta tensão entre o coletivo e o desejo individual, essa doação forçada de parte de sua subjetividade para o grupo, é, também, uma maneira de alcançar objetivos individuais. (FARIA; MENEGHETTI, 2007). Novamente a protagonista ilustra este aspecto: todas as mudanças e concessões que faz para atender a demanda do grupo relacionado ao trabalho é por pensar o cargo de assistente como um meio de atingir seu objetivo de trabalhar como jornalista.

Para a organização, a subjetividade fragmentada proporciona uma forma mais eficiente de conseguir os resultados e objetivos desejados. Mas é necessário um certo controle, um padrão de conduta social para evitar desordem e prejuízo total. Este controle se dá a partir de mecanismos objetivos e subjetivos que compõem três formas de controle: político-ideológica; econômica; e psicossocial. Os sistemas de controles são necessários às organizações para assegurar a produção de valor excedente, para garantir a exploração-acumulação capitalista por meio do controle dos processos, das relações de trabalho e dos trabalhadores. O controle pode assumir diversas faces e maneiras, pode ser direto e claro, ou sutil e subjetivo (FARIA, 2004).

O controle pode ser tão sutil, que se torna condicionado, não é percebido pelo indivíduo, não é um ato consciente, por isso é uma forma de sequestro da subjetividade. Nesse sequestro, está envolvida uma gestão de mal-estar, uma matemática do desprazer onde o resultado dos cálculos, conscientes e inconscientes, aponta que a forma de menor sofrimento é a do trabalho em um cargo numa organização. Não cumprir os objetivos imaginários originais de uma boa carreira profissional seria muito mais doloroso devido à exclusão ou discriminação social. (FARIA; MENEGHETTI, 2007)

O sequestro da subjetividade requer violência psicológica e manipulação de comportamento que visam atingir as relações afetivas e sociais mais valorizadas pelos indivíduos. Em sua pesquisa numa fábrica de modelo toyotista, Faria e Meneghetti (2007) identificaram cinco formas de sequestro da subjetividade: pela identificação, pela essencialidade valorizada, pela colaboração solidária, pela eficácia produtiva e pelo envolvimento total. Dada a limitação de espaço para a escrita, não iremos nos deter na especificação de todos os tipos. Como efeito do sequestro, a pessoa fica sujeita aos valores e saberes produzidos e alimentados pela organização. A ideologia da organização vai atingir o indivíduo em suas atividades psíquicas, afetivas, emocionais e sociais, privando-o de sua liberdade de crença, de apropriar-se da realidade e elaborar sobre ela. (FARIA; MENEGHETTI, 2007). O intuito de sequestrar a subjetividade dos funcionários fica claro em uma fala do colega de Andy: “Me avise quando sua vida pessoal tiver acabado, aí você será promovida” E este sequestro se dá nos três principais funcionários (Andy, Emily e Nigel), pela entrega total. Eles são seduzidos pelo status e pelas promessas de recompensas da empresa, que nunca chegam.

O filme demonstra os mecanismos de controle: como na cena em que Andy encontra os amigos e namorado após sair do trabalho. Ela chega ao *pub* com uma sacola de objetos valiosos, e alguns exclusivos que recebeu no trabalho e os distribui para os amigos, ressaltando o valor monetário dos itens e a dificuldade que outras pessoas tem para conseguir ter acesso aos mesmos. Para Faria (2004), o controle é uma estrutura que propicia a permanência do poder, seus mecanismos e formas têm sua base nas relações de poder. Além disto, o controle torna-se uma maneira de instrumentalização da gestão, e pode ser de três tipos: econômico, político-ideológico e psicossocial.

O filme em questão aborda, principalmente, o controle psicossocial, nele a vida social é ordenada pelas normas e regulamentos ditados pela organização e sua estrutura. Por meio deste tipo de controle o discurso do sujeito modifica-se para ser de acordo com o discurso da organização. Para isto ser possível, a organização estabelece elementos da identidade social, os indivíduos da organização devem corresponder a estes elementos, de alguma maneira, real ou aparente, para se encaixar no discurso da organização, aparentar ter o mesmo pensamento, ou será excluído, de alguma forma, da organização. (FARIA, 2004)

Estes mecanismos são perceptíveis em outras cenas do filme, em que Andy é tratada como uma pessoa de pouca, ou nenhuma importância pela chefe e pelos colegas devido à maneira como se veste, o que come e pelos ideais pessoais. A personagem sofre humilhação e desprezo, podendo escolher entre abandonar o emprego ou molda-se às demandas de seus carrascos. Como em uma síndrome de estocolmo, Andy passa a identificar-se e defender a chefe que tanto a maltratava e humilhava, mudando sua vida para ajustar-se às demandas da organização.

Além das relações no trabalho, Andy muda seu estilo de vida, sua alimentação, o tempo que dedica ao namorado e amigos e insere pessoas do ramo da moda em sua convivência diária. Inclusive seus interesses amorosos mudam, antes o relacionamento com o namorado era harmonioso e com companheirismo, depois o namorado passou a não ser mais tão interessante e Andy envolve-se romanticamente com um homem que vive o mundo da moda e já fez alguns trabalhos para a revista.

Seu envolvimento com a organização é tão grande que Andy prioriza o trabalho em horários extras ao tempo com a família, amigos e namorado. Duas cenas ilustram este fato: a primeira Andy estava em um jantar com o pai, recebe uma ligação da chefe com um pedido impossível de ser atendido. Andy deixa de dar atenção ao pai e passa a noite tentando atender ao pedido da chefe, sem sucesso. Na segunda cena, Andy é escalada para auxiliar a colega de trabalho em um evento no dia do aniversário de seu namorado. Ao final de suas obrigações, Andy estava indo encontrar o namorado e os amigos, mas fica no evento por mais tempo a fim de ser apresentadas a pessoas importantes do ramo da moda. Como consequência de sua escolha perde a comemoração do aniversário do namorado e os dois tem uma discussão, pondo fim ao relacionamento. As mudanças de Andy e sua identificação com Miranda, sua chefe, reforçam as características do controle e também possibilitando que esse mecanismo funcione.

Há três maneiras possíveis do indivíduo libertar-se: pela negociação entre organização e associação coletiva representativa; ou instância de mediação; ou por rompimento da relação de subordinação a partir de ação do sujeito. (FARIA; MENEGHETTI, 2007). Andy percebe que sua subjetividade foi roubada quando critica Miranda por ter tirado a chance de sucesso de Nigel para manter-se no cargo de editora chefe. Miranda diz que Andy era igual a ela, pois havia feito o mesmo com Emily, ao aceitar substituí-la na viagem à Paris – um dos momentos mais marcantes do filme e que demarca a coroação do processo de identificação de Andy com a organização em que trabalha: Emily, sua colega, sofre um acidente e não pode cumprir o compromisso mais desejado por todos que trabalham na revista de moda, a cobertura da semana de moda de Paris. Nesse caso, Andy vai em seu lugar, despertando os piores sentimentos da colega que sentiu-se traída e substituída por alguém que em um primeiro momento parecia não representar nenhuma ameaça, pois negava qualquer interesse em envolver-se nos eventos da empresa e no ramo da moda. Nesse momento, que funciona como um gatilho para a reflexividade, há um rompimento e uma tomada de consciência por parte da personagem central. Andy intempestivamente decide romper sua relação de subordinação, sai da limusine e joga o celular empresarial na fonte de água, libertando-se do vínculo com Miranda e a organização. A protagonista percebe como o trabalho a afetou e tenta recuperar as relações que tinha fora dele, conseguindo voltar com o namorado.

CONCLUSÃO

O filme permitiu compreender as etapas do processo de sequestro da subjetividade:

Ao final do filme, a personagem sai da revista. Ela reconhece o quanto mudou e percebe as atitudes que tomou, não se reconhece mais como a Andy que era ou gostaria de ser, havia mudado seus sonhos e ambições para os limites que a organização lhe impunha. Andy conseguiu libertar-se do sequestro por meio rompimento da relação de subordinação a partir de ação do sujeito. (FARIA; MENEGHETTI, 2007)

Para a Economia Política do Poder, em sua base marxista, somente por meio do rompimento das relações é possível alcançar novas formas organizacionais. Apesar do filme propiciar uma análise de uma situação individual, os movimentos de poder e controle darem-se em um plano coletivo, por isto o filme não é capaz de retratar um movimento das estruturas macro. (FARIA, 2004)

Apesar de estar restrito a uma perspectiva micro, o filme pode auxiliar a trabalhar os elementos do sequestro da subjetividade, fenômeno que se dá no plano do sujeito, ilustrando os mecanismos de controle e a maneira como a personagem muda seu comportamento influenciada por eles.

A pesar de mostrar os mecanismos de controle e como a organização sequestrou a subjetividade de Andy, o final do filme traz o aspecto romântico de reconhecimento do esforço

e uma admiração que a chefe desenvolve por Andrea. Coloca-se este final como romântico pois todos os mecanismos de controle usados a fim de sequestrar a subjetividade de Andy têm o objetivo de aumentar os lucros da organização. Nesta dinâmica, Andy não era vista como uma pessoa, mas como um meio de obter lucro. Todas as experiências e presentes obtidos na organização tiveram o mesmo objetivo: o lucro da empresa.

O imperativo da gestão capitalista é controlar para produzir, sob o primado da repetição, da racionalidade do processo de trabalho. Todo o tempo da produção é também o tempo do controle cerrado, em cada seção, oficina, em cada movimento, gesto. Só é permitido o que está previsto; só é previsto o que importa à produção capitalista (FARIA, 1987, p.50)

Os finais mais apropriados para retratar a realidade seriam o de Nigel e de Emily, ambos colegas de Andy que depois de anos de entrega à organização, um sequestro por envolvimento total, não recebem o devido reconhecimento e são facilmente prejudicados ou abandonados em prol dos objetivos da chefe. Apesar disso, Nigel e Emily continuam na ilusão de que um dia terão o reconhecimento que merecem e continuam doando-se para a organização, deixando de lado vida pessoal e outros aspectos de sua subjetividade.

A teoria de Economia Política do Poder foi valiosa na análise deste filme, pois trouxe novas perspectivas acerca das relações de trabalho e possibilitou uma visão mais crítica das relações de poder. O uso de um filme mostrou-se uma maneira de ter acesso aos fenômenos organizacionais que não poderiam ser simplesmente observados em uma organização, são narrativas que permitem conhecer situações que em geral são omitidas da narrativa oficial da organização.

Em perspectivas teóricas como essa, em que se discutem aspectos contrasensuais aquilo que o *mainstream* da administração prega, as narrativas ficcionais são ainda mais ricas, pois utilizando-se de elementos com humor, enredo, é possível criar um envolvimento maior dos estudantes e, assim, fazê-los compreender melhor os elementos de crítica. O uso de narrativas ficcionais pode criar um componente de identificação que faz com que fiquem “marcas” para esses alunos que, em momentos que se vejam em situações como as que viram podem engajar-se em um movimento de reflexividade e talvez agir diferente. Assim, o uso de recursos audiovisuais permite mudanças na dinâmica da aula, maior envolvimento dos alunos, provém estímulos visuais e auditivos que estimulam a memória e os sentimentos.(MEDEIROS; JÚNIOR; POSSAS, 2015)

REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. Confira a bilheteria do filme: "O Diabo Veste Prada". **Adorocinema**, 2006. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61445/bilheterias/>>. Acesso em: 08 Julho 2017.

ARROIO, A.; GIORDAN, M. O Video Educativo: Aspectos da Organização do Ensino. *Química Nova na Escola*, v. 24, p. 8–11, 2006. Disponível em: <<http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>>.

BARBOSA, Andréa Rodrigues; TEIXEIRA, Luiza Reis. A utilização de filmes no ensino de administração. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, EnEPQ, 1., 2007, Recife. **Anais...** Recife, nov. 2007.

BARDIN, L. **Análise De Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, M. J. F. de; MIRANDA, E. M.; RODRIGUEZ, V. B. C. O Uso do Filme de Animação no Ensino de Administração Monstros S.A. como Estudo de Caso Exemplar. *Revista Gestão e Planejamento*, v. 18, p. 160–181, 2017.

BIZARRIA, F. P. de A.; NOGUEIRA, A. R. R. M.; BARBOSA, F. L. S.; SOUSA, A. M. R. Racionalidade, Terceiro Setor e o Debate da Corrupção em “Quanto Vale Ou É Por Quilo?” *Pensamento & Realidade*, v. 32, n. 24, p. 3–25, 2017a. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/48847/racionalidade--terceiro-setor-e-o-debate-da-corrupcao-em---quanto-vale-ou-e-por-quilo--->>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BIZARRIA, F. P. de A.; TASSIGNY, M. M.; ALMEIDA, R. R. de F.; BRASIL, M. V. de O. Análise da Atividade de Consultoria com Suporte na Observação Fílmica : o caso do filme *Missão Demissão*. *Teoria e Prática em Administração*, v. 4, n. 2, p. 49–69, 2014.

BIZARRIA, F. P. de A.; TAVARES, J. C. de S.; BRASIL, M. V. de O.; TASSIGNY, M. M.; SILVA, M. A. da. O que um filme pode nos ensinar? Estudo Observacional e Análise do Tema Sustentabilidade no filme “Os Sem Floresta”. *Desenvolvimento em Questão*, v. 15, n. 40, p. 204, 11 ago. 2017b. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/5951>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BLIKSTEIN, I. Recursos audiovisuais no ensino. *Revista de Administração de Empresas*, v. 17, n. 3, p. 49–52, jun. 1977. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901977000300011&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CHAMPOUX, Joseph E. Film as a teaching resource. **Journal of management inquiry**, v. 8, n. 2, p. 206-217, 1999.

CINELLI, N. P. F. A influência do vídeo no processo de aprendizagem. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85870>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CRESSWELL, John W. Research design. **Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**, v. 67, 2003

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa** : métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARIA, J. (2002). Economia Política do Poder: uma proposta Teórico- Metodológica para o estudo e a Análise das Organizações. In: _____ **Encontro de estudos organizacionais**. Anais. ed. Recife: Observatório da Realidade Organizacional : PROPAD/UFPE : ANPAD, v. 1 CD, 2002. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo2002-21.pdf>>. Acesso em: 10 Julho 2017.

FARIA, J. (2004). **Economia política do poder: Práticas do Controle nas Organizações** (Vol. 3). Curitiba: Juruá.

FARIA, J. H. D.; MENEGHETTI, F. K. O Sequestro da Subjetividade. In: FARIA, J. H. D. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007. Cap. 02, p. 45-68. Disponível em: <https://www.academia.edu/1019965/MENEGHETTI_Francis_Kanashiro._O_sequestro_da_subjetividade>. Acesso em: 08 julho 2017.

FARIA, J. H. **Economia política do poder: Práticas do Controle nas Organizações**. Curitiba: Juruá, v. 3, 2004.

FISHER, W. R. Narration as a human communication paradigm: the case of public moral argument. **Communication Monographs**, v. 51, n. 1, 1984.

FRANKEL, D. O Diabo Veste Prada. Estados Unidos da América - USA20th Century Fox, 2006. .

FREITAS, A. D. G. de; LEITE, N. R. P. Linguagem fílmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. **Revista de Administração**, v. 50, n. 1, p. 89–104, 2015. Disponível em: <http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=1628>. Acesso em: 2 jul. 2018.

HENRIQUE, G.; ISBOLI, P.; AUGUSTO, S.; GAIOTTO, V. Films as object of studies for research in applied social sciences. **Reuna**, v. 22, n. 3, p. 60–73, 2017.

HUCZYNSKI, Andrzej; BUCHANAN, David. Theory from fiction: A narrative process perspective on the pedagogical use of feature film. **Journal of management education**, v. 28, n. 6, p. 707-726, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da educação superior 2015**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-do-enade>>.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

MACÊDO, G. M. De; PORTELA, P. H. da P.; ÁVILA, L. K. M.; LIMA, Y. V. dos S. Diálogos sobre produção de conhecimento em Psicologia Social: Experimentações audiovisuais em mobilidade humana. **XV encontro nacional da abrapso**, p. 1–10, 2007. Disponível em: <[http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/495.di%C3%93logos sobre produ%C7%C3o de conhecimento em psicologia social.pdf](http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/495.di%C3%93logos%20sobre%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20conhecimento%20em%20psicologia%20social.pdf)>.

MACIEL, H. W. P.; HELAL, D. H. “Detalhes de sua Incompetência não me Interessam” - O Assédio Moral no Filme O Diabo Veste Prada. **REAd. Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 23, n. spe, p. 412–427, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112017000400412&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 2 jul. 2018.

MEDEIROS, C. R. de O.; JÚNIOR, V. M. V.; POSSAS, M. de C. "Quem mais veste Prada?" Psicopatas Corporativos e Assédio Moral no Trabalho. **Revista Adm.Made**, v. 19, n. 1, p. 102–122, 2015. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/admmade/article/viewFile/961/646>>.

MORGAN, G. **Creative Organization Theory: a resourcebook**. California: Sage Publications, 1989.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 2010.

O Diabo Veste Prada. Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. Intérpretes: Anne Hathaway; Meryl Streep; Emily Blunt; Adrian Grenier; Simon Baker e Stanley Tucci. [S.l.]: 20th Century Fox. 2006.

PHILLIPS, N. Telling organizational tales: on the role of narrative fiction in the study of organizations. **Organization Studies**, v. 16, n. 4, 1995. pp.625-649.

RAMSEY, C. Managing to learn: the social poetics of polyphonic ‘classroom’. **Organization Studies**, v. 29, n. 4, 2008. pp. 543-558.

RICARDO, P. O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências. **Caderno Caterinense de Ensino de Física**, v. 17, n. 1, p. 33–49, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

STAKE, R. E. **The Art of Case Study Research**. [s.l.] Sage, 1995. v. 80

TSOUKAS, H. Don’t simplify, complexify: from disjunctive to conjunctive theorizing in organization and management studies. **Journal of Management Studies**, v. 54, n. 2, 2017. pp. 132-153.

WEISBERGER, L. **O Diabo veste Prada**. 22^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/O_Diabo_veste_Prada.html?id=ifU2AAAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 Julho 2017.